

Fortaleza, 1.º de Fevereiro de 97.



Sallés.

Li as cartas que nos escrevestes, e estas linhas não são mais que unica resposta ás tuas.

Esta velha e forte terra dos bamarões, depois que lhe andaram a metter na cachola a idea de mudar o nome para Tra-
oia, perdeu toda a enérgica vitalidade que era o seu con-
dão, e tornou-se esta miseravel e asemica terra onde o Sr. Ro-
drigues de Carvalho representa o
logar de 1.º peita, como nas
tragédias um garoto qualquer
é levado á servir de 1.º com-
pansa. Sabiste, e a miseria cre-

seu; e desanimado venceu-nos,
merrou-nos e os Srs. Graccho
Laidoso & Rodrigues Paiva che-
gam-se para a frente e en-
carapiteam-se no mais alto da
escada, formando a hierarchia
intellectual da terra amada.

Lá de baixo a minha voz,
surtuna e rouca, tem impreca-
ções tristes e lamentosas como
a voz de Jeremias chorando
a ruina do povo de Deus.

Ellas o murmúrio dos applau-
sos suffoca o meu protesto, e
a Patria querida morre ás gar-
ras brutais dos barbaros... do
Rio Grande do Norte e Sergipe.

Sempre é uma miséria isto, e
tu, meu bondoso amigo, láis de
consentir que estas linhas
sejam mais que uma prova
de amizade - o desafogo de
um intellectual que asphyxia
neste meio de Soletarantes bo-
rator, que recambiam os elo-
gios e Tudo trocam.

Praga! —

Consta-me que segue hoje
para ahí o Joaquim Alves.

— Nada de novo por cá, a
não ser o inverno que veio e
promettedor. Sempre é um con-
solto.

Não cesses de nos escrever
sempre, si te não for encom-

modo ali, nesse rebolico de
grande cidade, onde a tua
actividade tem de necessaria-
mente multiplicar-se.

- Meus respeito a D. A-
lice e a Ti um saudoso
abraço.

Arthur Shephard